

CARACTERIZAÇÃO DA DENDEICULTURA NO ESTADO DO PARÁ: O CASO DOS PEQUENOS PRODUTORES¹

PAULO BRAZ TINÔCO E FRANCISCO MENDES RODRIGUES²

RESUMO – O presente trabalho procurou mostrar uma aproximação da situação atual dos pequenos dendeicultores paraenses, pioneiros no cultivo do dendezeiro no país, identificando suas eventuais limitações e inadequações de práticas de manejo, de forma a subsidiar a pesquisa na criação de tecnologias que possibilitem o aumento da rentabilidade da exploração. Dessa forma, o país poderá se aproveitar do potencial de produção de extensas áreas aptas à dendeicultura, notadamente na Amazônia Ocidental, com vantagens adicionais de fixação de mão-de-obra em regiões não tradicionalmente agrícolas.

Termos para indexação: dendeicultura, cultura alternativa, avaliação socioeconômica.

CHARACTERISTIC OF OIL PALM CULTIVATION IN THE STATE OF PARÁ: THE CASE OF SMALL PRODUCERS

ABSTRACT – The present work attempts to show the approach of the actual situation of small oil palm producers in Pará State, who are the pioneers in oil palm culture in Brazil, identifying their possible limitations and inadequacies in management practices, giving support to research in the creation of technologies which give the possibility of increasing means of income. In this way, this country can realise the production potential from the extensive areas suitable for oil palm culture, notably in West Amazônia, with the additional advantage of permanent employment in non-traditional agricultural regions.

Index terms: oil palm cultivation, alternative crop, socioeconomical evaluation.

INTRODUÇÃO

A produção mundial de gorduras, de todas as origens, em 1983 alcançou 60.700 mil toneladas. Desta produção, os óleos vegetais comestíveis contribuíram com um total de 45.505 mil, representando cerca de 75 %. E o óleo de dendê, com 6.625 mil toneladas, ocupa o segundo lugar em importância (14,5%) perdendo apenas para o óleo de soja, com um total produzido de 15.270 mil toneladas (33,5%). A participação do óleo de dendê neste mercado vem crescendo nos últimos anos, o que pode ser atribuído às vantagens relativas que a cultura desta palmeira apresenta, tais como: ter a produção distribuída durante todo o ano, fator fundamental na fixação de mão-de-obra; ser a oleaginosa que apresenta maior produtividade de óleo e alcançar longo período de exploração econômica (20-25 anos).

A concentração da produção mundial de óleo de dendê, no período de 1977 a 1981, encontra-se no sudeste asiático, principalmente na Malásia Ocidental, contri-

¹ Recebido em 26 de abril de 1985.

² Aceito para publicação em 23 de setembro de 1985.

² Economistas, M. Sc. em Economia Rural, Pesquisadores do CNPSD/EMBRAPA, Caixa Postal 319 – CEP 69.000 – Manaus-AM.

buindo sozinha com mais de 60 % da produção mundial. Este país teve, no referido período, um crescimento na produção da ordem de 68 %, contra um crescimento de 48 % na produção mundial de óleo de dendê. No período de 1976 a 1982 a evolução das importações mundiais de óleo de dendê situou-se em torno de 53 % (Condurú et alii, 1983). Estes números indicam que houve um crescimento na demanda maior do que o aumento da produção. Isto tende à formação de uma margem de demanda insatisfeita e cria, para os próximos anos, a expectativa de aumentos ou, pelo menos, de uma estabilização dos preços internacionais do óleo nos altos patamares registrados no ano de 1983, quando atingiram na bolsa de Rotterdam o valor de US\$ 900 por tonelada (Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária, 1983).

Desta forma, o Brasil, que nos últimos anos tem dependido de importação para suprir sua demanda interna pelo óleo, necessita desenvolver rapidamente a dendeicultura sob pena de ter o balanço comercial onerado com importações de um produto do qual é possuidor de um grande potencial de produção, haja visto o cultivo de dendezeiro se apresentar como uma excelente opção para áreas não tradicionalmente utilizadas para a produção agrícola, destacando-se, dentre outras, as terras firmes da Amazônia Ocidental, estimadas em 50 milhões de hectares aptos para este fim (Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária, 1983).

As aptidões edafo-climáticas favoráveis ao cultivo do dendezeiro, somadas à necessidade de uma atividade econômica que financie a incorporação territorial e o desenvolvimento regional destas extensas áreas, tornam viáveis a implantação da dendeicultura, desde que tecnologias compatíveis para a realidade local estejam disponíveis.

A produção nacional de óleo de dendê, que em 1983 foi estimada em torno de 20.000 toneladas, é proveniente de somente dois Estados: Pará, com aproximadamente 60% deste total, e Bahia, com os 40% restantes.

Na Bahia, dados levantados por um dos autores em visita efetuada em 1983, indicam a existência de aproximadamente 5.900 ha de dendezais cultivados, representados por plantios efetuados por duas empresas agro-industriais. Ambas com infraestrutura industrial que possibilita o beneficiamento dos cachos de dendê e consequentemente a produção do óleo. Existem ainda, neste Estado, em torno de 1.400 hectares de plantios jovens que não estão ainda em fase de produção econômica. Entretanto, uma grande parcela da produção deste óleo na Bahia é formada pelo dendê oriundo do extrativismo de aproximadamente 20.000 ha de dendezais subspontâneos, localizados no sul do Estado.

O Estado do Pará conta com somente uma empresa, Dendê do Pará S.A. (DENPASA), industrializando o óleo de dendê. Esta produção é proveniente de 2.700 ha de dendezais próprios, convenientemente implantados e bem conduzidos, e pela compra de dendê em cachos a pequenos agricultores estabelecidos nas proximidades da usina de beneficiamento. A área total destes agricultores alcança cerca de 2.400 ha, sendo que somente 63 % dos plantios, aproximadamente 1.500 ha, estão em fase de produção e colheita. Os restantes, trata-se de plantios jovens que entrarão em produção nos próximos anos. Existem ainda, aproximadamente 8.300 ha de dendezais jovens, dos quais 2.300 ha são da DENPASA e os restantes de três outros grandes projetos agroindustriais, Agropecuária Mendes Junior S.A. (AGROMENDES), Companhia Real Agroindustrial (CRAI), e Dendê da Amazônia S.A.

(DENAM). Uma outra empresa de reflorestamento, Reflorestamento da Amazônia S.A. (REASA), possui um plantio de 2.500 ha já em idade adulta e ainda não explorado (Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária, 1984).

A cultura do dendezeiro no país convive com um conjunto de limitações tecnológicas que precisam ser ultrapassadas, para que se modifique a situação atual no que se refere à produção e à produtividade, cujos índices são ainda inferiores aos dos principais produtores internacionais.

O conhecimento das limitações e inadequações das práticas de manejo da cultura, bem como da não racionalização do uso dos fatores de produção disponíveis, é de vital importância para que se tornem eficientes os resultados buscados pela pesquisa.

Como conseqüência da incorporação de inovações tecnológicas tem-se a elevação da produtividade média dos plantios, o que atrairá maior interesse em investimentos na implantação de novas áreas de cultivo, em regiões potencialmente produtoras.

OBJETIVOS

A situação atual da cultura do dendezeiro no Brasil mostra que existem duas grandes linhas de ação para a pesquisa. Uma voltada para os plantios empresariais, que por se constituírem em um pequeno número de empresas, facilitam a identificação dos problemas específicos e, desta forma, podem ser tratados. A outra, representada por um público formado pelo grupo de pequenos dendeicultores do Estado do Pará.

O presente trabalho objetiva fornecer as características socioeconômicas básicas deste grupo de agricultores, dados referentes às disponibilidades existentes em suas propriedades rurais e, ainda, algumas informações preliminares referentes ao sistema de produção e comercialização atualmente usado na dendeicultura.

MATERIAL E MÉTODOS

Os dados analisados no presente estudo foram gerados por um levantamento tipo "cross-section" junto aos dendeicultores estabelecidos no Estado do Pará, visando atender ao projeto de pesquisa "Avaliação Socioeconômica da Pesquisa de Dendê" (Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária, 1982), vinculado ao Programa Nacional de Pesquisa de Dendê (PND/Dendê), coordenado pelo Centro Nacional de Pesquisa da Seringueira e Dendê (CNPSP/EMBRAPA).

Procurou-se trabalhar com todos os plantadores de dendê da região, tendo em vista a inexistência, no Brasil, de outras áreas onde a dendeicultura não empresarial seja conhecida. Conforme mencionado anteriormente, tem-se conhecimento que ao sul do Estado da Bahia existem propriedades rurais que exploram o dendezeiro, entretanto neste caso, trata-se de extrativismo de uma população subspontânea que ocorre nesta região. Existem ainda os plantios empresariais, na maioria dos casos, em fases iniciais do cultivo, localizados nos Estados do Pará, Bahia, Amapá e Amazonas. Ainda que estes plantios sejam contemplados pelo referido

projeto, este levantamento preocupou-se apenas com os plantios não empresariais, deixando-se para fases posteriores a coleta dos dados referentes aos grandes cultivos.

Foi elaborado um modelo de questionário para ser utilizado nas entrevistas com os produtores rurais. Testes de campo foram efetuados com este questionário, procurando adequá-lo às condições específicas regionais e aos objetivos propostos, após os quais foi reestruturado em sua forma definitiva.

Em outubro de 1982 foi efetuado o levantamento dos dados, que contou com a participação de cinco entrevistadores-estagiários, estudantes do curso de Agronomia e Veterinária da FCAP. Foram visitadas todas as 51 propriedades rurais possuidoras de plantios de dendezeiros, com o preenchimento de 47 questionários. Das restantes, duas se tratavam de propriedades rurais pertencentes a uma mesma família que já havia sido entrevistada e, desta forma, em apenas duas não foi possível, por razões diversas, obter-se as informações necessárias. Posteriormente, um questionário foi descartado por conter informações incoerentes.

Contou-se com a colaboração de um técnico agrícola da Cooperativa Agrícola Mista Paraense, responsável pela assistência técnica à dendeicultura na região, no sentido de fazer a apresentação do responsável pelo levantamento³, após o que era feito um rápido esclarecimento dos objetivos e propósitos do projeto procurando, desta forma, ganhar a confiança do produtor. Um dos entrevistadores-estagiários era então deixado na propriedade efetuando a entrevista e, em alguns casos, tornou-se necessário marcar nova visita visando atender aos interesses do produtor. Esta metodologia só está sendo mencionada por ter sido responsável pelo expressível número de questionários preenchidos, tendo em vista o pequeno tamanho da população de dendeicultores.

As informações contidas nos questionários foram processadas e arquivadas em micro-computador e, da análise tabular preliminar dos dados obteve-se a caracterização da dendeicultura no Estado do Pará.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Características da localização

Todos os 46 produtores cadastrados tinham seus plantios de dendê distribuídos em oito municípios localizados ao norte do Estado do Pará, a uma distância média de 10,7 km das sedes dos respectivos municípios. Entretanto, a maior concentração foi verificada nos municípios de Santa Izabel e Santo Antonio do Tauá, respectivamente com 61% e 26% do total de plantios. Santa Izabel está situado a 50 km à nordeste de Belém e, aproximadamente, a 15 km da única usina de beneficiamento de dendê existente na região (DENPASA). Fazendo divisa com este está o município de Santo Antonio do Tauá que dista 62 km de Belém e 27 km da mesma usina.

Todas estas ligações eram feitas por rodovias asfaltadas de boa qualidade e as propriedades estavam situadas, em sua maioria, ao longo das rodovias, utilizando muito pouco as estradas vicinais, desprovidas de pavimentação asfáltica.

³ Tratava-se de um dos autores e coordenador do projeto de pesquisa que deu origem a este trabalho.

Características da administração das propriedades

A administração das propriedades era feita geralmente pelos proprietários (96 % dos casos). Dos dendeicultores entrevistados 96 % residiam na própria fazenda. A prática de registros contábeis não era comum entre os administradores entrevistados, apenas 2% o faziam. As principais contas de despesa e/ou receita se resumiam em anotações esporádicas. Porém, como a administração era efetuada diretamente pela maioria dos produtores, foi possível obter-se as informações desejadas. Quando da montagem do questionário, levou-se em consideração esta inaptidão contábil tradicional do produtor rural, já identificada pelo pré-teste, procurando, portanto, elaborá-lo de forma que os dados pudessem ser checados pelo cruzamento de mais de uma informação.

Dos 46 administradores cadastrados somente um não era de origem japonesa, embora já estivessem no Brasil a longo tempo, em média 19 anos. A idade média do grupo situou-se nos 44 anos, variando de 29 a 66 anos, sendo que somente três não eram casados. Entre os casados encontrou-se uma média de três filhos por família.

Encontrou-se ainda um alto grau de cooperativismo nesta região, sendo que 78% dos produtores participavam da cooperativa local de produtores agrícolas. Esta participação, em grande parte, era devida à utilização que faziam da estrutura da cooperativa para a comercialização, em São Paulo, do mamão (hawai ou papaia), produzido na maioria das propriedades rurais da região.

Características das propriedades rurais

Área

A área das propriedades cadastradas situou-se no intervalo de 22 a 990 ha, com uma média de 200 ha. Porém, a área efetivamente explorada era bem menor. A área média explorada por propriedade era de 97 ha com um mínimo de 13 ha e um máximo de 430 ha. Isto corresponde a 48 % da área total, o que indica a não existência de restrição do fator terra. Foi considerada como explorada aquelas áreas onde existia alguma espécie de cultivo ou pastagens melhoradas. A Tabela 1 apresenta os dados referentes à área total e explorada das propriedades, por estrato de tamanho.

Uso da terra

Como era de se esperar, em se tratando de uma região possuidora de aptidões agrícolas decorrentes não só da proximidade de um grande centro consumidor mas também de condições de clima e solo aptos à agricultura, encontrou-se apenas três propriedades onde não se exploravam outros tipos de agricultura além da dendeicultura. A fruticultura foi encontrada em 40 propriedades, 87 %, sendo que o produto com maior representatividade neste grupo foi o mamão, aparecendo em 38 das 46 propriedades cadastradas. Em seguida aparecem os citrus, com uma frequência de 16, representando 35 %, e as hortaliças, em 12 propriedades com 26 % de participação no total.

TABELA 1 – Área das propriedades

Estratos	Área total das propriedades		Área explorada	
	N.º de Propriedades	Percentual	N.º de Propried.	Percentual
0 – 50 ha	12	26,1	20	43,5
51 – 100 ha	9	19,6	9	19,6
101 – 150 ha	5	10,9	6	13,0
151 – 200 ha	6	13,0	5	10,9
201 – 300 ha	5	10,9	4	8,7
Maior que 300 ha	9	19,5	2	4,3
Total	46	100,0	46	100,0

Fonte: Dados da pesquisa.

A criação de bovinos foi encontrada em pequena escala e em somente nove propriedades. Tal resultado era esperado considerando-se a inexistência de tradição pecuarista entre produtores rurais de origem japonesa.

A avicultura era bastante representativa na região, tendo sido encontrada em 28% das propriedades com relevante participação na formação da renda. Ocorreram criações de suínos em cinco propriedades e de ovinos em apenas uma. Entretanto, sua importância econômica pode ser desconsiderada, uma vez que tratavam-se de criações em pequena escala e voltadas para o consumo interno.

Nas Tabelas 2 e 3 tem-se a freqüência em que as principais explorações apareciam nas propriedades cadastradas. A dendeicultura, por estar presente em todas as propriedades, não figura nas Tabelas.

TABELA 2 – Freqüência das principais explorações agrícolas excluída a dendeicultura

	Agricul- tura*	Mamão	Citrus	Horta- liças	Pimenta	Mara- cujá	Melão	Cacau
N.º de propriedades	43	38	16	12	11	9	4	4
Percentual	93,5	82,6	34,8	26,1	23,9	19,6	8,7	8,7

* Qualquer tipo de exploração agrícola excluída a dendeicultura

Fonte: Dados da pesquisa.

TABELA 3 – Freqüência das principais explorações pecuárias

	Pecuária *	Avicultura	Bovinocultura	Suinocultura
N.º de propriedades	16	13	9	5
Percentual	34,8	28,3	19,6	10,9

* Qualquer tipo de exploração pecuária

Fonte: Dados da pesquisa.

Capital imobilizado

Os dados referentes ao capital imobilizado estão na Tabela 4. Considerou-se como capital imobilizado o somatório dos valores referentes ao total de benfeitorias e de máquinas, equipamentos e veículos.

TABELA 4 – Distribuição do capital imobilizado médio*

	Valor em Cr\$	Percentual
Benfeitorias	7.997.261,00	46,7
Máquinas, equipamentos e veículos	9.117.630,00	53,3
Imobilizado total	17.114.891,00	100,0

* Referem-se a valores de outubro de 1981
Fonte: Dados da pesquisa.

No caso de benfeitorias, a média encontrada de Cr\$ 7.997.261,00 se justifica pelo fato de que a maioria dos produtores residia nas propriedades, exigindo um nível de conforto relativamente alto, contribuindo assim, para a elevação da participação do sub-ítem casa sede no valor do ítem.

O valor médio de máquinas, equipamentos e veículos, da ordem de Cr\$ 9.117.630,00, se explica pela característica do sistema de comercialização, ou seja, a proximidade de um centro consumidor, a alta perecibilidade dos produtos comercializados e a frequência das colheitas exigiam a disponibilidade de um meio de transporte próprio capaz de efetuar as entregas dos produtos. Verificou-se que 67 % dos produtores possuíam caminhão próprio e este sub-ítem sobrecarregou sensivelmente o total de máquinas, equipamentos e veículos.

Um outro fator que também contribuiu de forma preponderante para a elevação destes valores decorre da alta qualidade do produto exigida na fruticultura, notadamente para comercialização em grandes centros urbanos situados no sul do país. A resistência ao transporte, a embalagem e a boa aparência dos frutos são fatores imprescindíveis para a obtenção de mercado e, para tanto, a agricultura tem que ser suficientemente desenvolvida tecnologicamente. Assim sendo, os produtores investem em máquinas e equipamentos que favoreçam a obtenção destas características.

Considerando o grau de mecanização como indicador, as propriedades estudadas podem ser consideradas como de alto nível tecnológico, já que em 89 % dos casos existiam tratores próprios. A média foi de 1,9 trator por propriedade.

Crédito agrícola

Financiamentos agrícolas foram utilizados por 65 % dos produtores cadastrados, sendo que 63 % destas operações tiveram por finalidade o custeio das atividades

agrícolas, 13 % destinaram-se a investimentos e 24 % foram utilizados para ambos os fins.

Ainda que não contasse no questionário nenhum ítem sobre o interesse em novas linhas de crédito, o contato efetuado por ocasião da entrevista permitiu tomar conhecimento de que, em sua grande maioria, os produtores demonstraram interesse em uma linha de crédito específica para o custeio da dendecultura, principalmente para a aquisição de adubos.

Características da exploração do dendezeiro

Área cultivada

Do total de 4.441 ha de área explorada coberta pelo levantamento, 2.394 ha eram utilizados para o plantio de dendezeiro, representando mais da metade do total utilizado para todas as atividades agropecuárias. Se forem excluídas as áreas com pastagens, ou seja, se for considerada somente a área utilizada para agricultura, o total cai para 3.381 ha, crescendo a participação da dendecultura para cerca de 71 %, conforme vê-se na Tabela 5. Entretanto, não se pode inferir muito sobre este resultado, necessitando-se levar em consideração a característica intensiva das outras atividades agrícolas em contrapartida com a exploração extensiva da dendecultura.

TABELA 5 – Participação da dendecultura nas áreas totais

	Área total das propriedades		Área explorada		Área agrícola	
	ha	%	ha	%	ha	%
Dendecultura	2.394	26,1	2.394	53,9	2.394	70,8
Agricultura	987	10,7	987	22,2	987	29,2
Pecuária	1.060	11,5	1.060	23,9	—	—
Sem uso	4.753	51,7	—	—	—	—
T o t a l	9.194	100,0	4.441	100,0	3.381	100,0

Fonte: Dados da Pesquisa.

O tamanho médio dos plantios de dendezeiros situou-se em torno de 52 ha. Entretanto, somente 63 % destes plantios estavam sendo colhidos enquanto que os restantes eram plantações jovens que não tinham atingido o início da produção. Existiam ainda alguns poucos casos onde a colheita não era efetuada por ser considerado desestimulante o preço pago pelo dendê em cachos.

Participação do dendê na composição da receita bruta

A receita média anual bruta das propriedades cadastradas situou-se em torno de Cr\$ 17.882.000,00. Desta receita, cerca de Cr\$ 1.558.000,00 foram gerados pela

venda de cachos de dendê, o que corresponde a uma participação de apenas 9%. Merece destaque o fato de que somente 29 entre as 46 propriedades possuíam receita oriunda da venda de dendê. Efetuando os cálculos, considerando proporcionalmente este aspecto, encontra-se uma participação maior, próxima de 13% da dendeicultura na composição da receita bruta (Tabela 6).

TABELA 6 – Composição da receita média bruta anual das propriedades*

Cr\$ 1.000,00				
	46 propriedades **		29 propriedades ***	
Dendeicultura	1.558	8,7%	2.472	13,2%
Agricultura	11.835	66,2 %	11.835	62,9 %
Sub-total	13.393	74,9%	14.307	76,1%
Pecuária	4.489	25,1%	4.489	23,9%
Total	17.882	100,0 %	18.796	100,0%

* Referem-se a valores de outubro de 1982

** Quando se considera o número total de propriedades da população

***Quando se considera apenas as propriedades que possuíam receitas geradas pela dendeicultura.

Fonte: Dados da pesquisa.

Verifica-se que a representatividade da dendeicultura na composição da receita bruta não é grande. Contudo, dois aspectos devem ser considerados. Primeiro, conforme visto na Tabela 2, a atividade agrícola principal desta região era a fruticultura, que é uma atividade que se caracteriza por gerar altas receitas. Outro importante componente na formação da receita bruta, a avicultura, também permite semelhante observação. Assim, a representatividade que a venda de dendê tem na composição da receita bruta fica relativamente comprometida. O segundo aspecto estaria relacionado aos custos de produção. A dendeicultura tende a ser pouco exigente no consumo de mão-de-obra, na utilização de máquinas e equipamentos e em processos de embalagem para a comercialização do produto, quando confrontada com as outras atividades existentes. Estes resultados poderão ser melhor interpretados posteriormente, quando for analisada a composição da receita líquida das atividades agropecuárias.

Comercialização do dendê

A comercialização dos cachos de dendê era realizada exclusivamente com a DENPASA, empresa proprietária da única usina de beneficiamento de dendê na região. Tem-se conhecimento que, recentemente, um grupo de sete produtores instalou uma micro-usina de beneficiamento, no município de Santo Antonio do

Tauá, com o objetivo e a capacidade inicial para atender somente as produções dos associados.

O fato de ser a DENPASA a única compradora de dendê gera, dentre outras, a preocupação entre os produtores de obtenção de mercado para a colocação do produto. E esta empresa terá condições, a curto prazo, de abastecer toda a atual capacidade instalada de sua usina, com a entrada em fase de colheita dos plantios mais recentes. Então, a alternativa será de aumento do parque industrial da empresa para o aproveitamento do excedente de oferta, com os consequentes mecanismos econômicos peculiares a esta situação.

Produção de dendê

O tamanho médio dos plantios de dendezeiros situou-se em torno de 52 ha. Entretanto, somente 63 % destes plantios estavam sendo colhidos, enquanto que os restantes eram constituídos por plantações jovens que não tinham atingido o início de produção.

Sua produção no ano de 1982 foi de 5.904 toneladas, com uma média em torno de 204 toneladas por produtor. Em média, aproximadamente 492 toneladas de dendê em cachos foram colhidas e comercializadas mensalmente pelos 29 produtores que possuíam plantios em produção.

É de aproximadamente cinco anos a média ponderada da idade dos plantios, desta forma, a produtividade média de 4,62 toneladas/ha/ano de cachos de dendê é considerada baixa, quando confrontada aos valores encontrados nos países tradicionalmente produtores, conforme vê-se na Tabela 7. Entretanto, a análise de alguns aspectos, concluídos a partir deste trabalho, pode alterar a representatividade desta dendeicultura dentro do panorama nacional da cultura, no que se refere à sua produção e produtividade.

TABELA 7 — Estimativa da produtividade da dendeicultura

Idade do plantio	Produção de cachos		Produção de óleo	
	Ton/ha	Ton/ha	%Aproveitamento	
4. ^o ano	5,00	0,75		15
5. ^o ano	10,00	1,80		18
6. ^o ano	15,00	3,00		20
7. ^o ano	20,00	4,20		21
8. ^o ao 25. ^o ano	25,00	5,50		22

Fonte: Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária, 1983.

CONCLUSÕES

- Existe a necessidade de instalação de uma ou mais usinas de beneficiamento de dendê, com capacidade para processar os excedentes de oferta que, provavelmente, serão formados a partir do auto-abastecimento da atual empresa compradora do produto.
- A quantidade total de cachos de dendê produzida na região pesquisada sofrerá um significativo aumento nos anos subsequentes, pela entrada em produção dos plantios que ainda não estavam em fase de colheita à época do levantamento efetuado.
- Os plantios, em sua maioria, eram constituídos de dendezaís ainda jovens e que ainda não tinham atingido a produtividade potencial esperada para a fase adulta.
- Grande parte destes plantios não estava sendo conduzida de forma satisfatória, principalmente no que diz respeito à nutrição mineral. Esta falha tanto pode ser atribuída ao desestímulo pela relação de preços insumo-produto (reclamação feita por todos os produtores), como pela não adoção da prática recomendada de análise foliar na determinação de carências nutricionais da planta. Como o dendezeiro tem uma alta capacidade de resposta à adubação, é de se esperar um aumento de produtividade em decorrência de adubações corretas, desde que inexistam outros fatores limitantes como "deficit" hídrico e problemas fitossanitários nas plantações. O balanço hídrico revela ser esta uma das regiões aptas disponíveis para o cultivo do dendezeiro no Brasil, enquanto que o levantamento preliminar das condições fitossanitárias dos plantios, revelou que apenas 50 % dos entrevistados diagnosticou alguma espécie de praga e/ou doença em seus dendezaís, sem atingir, entretanto, em nenhum caso, níveis capazes de comprometer a exploração.
- A disponibilidade de áreas inaproveitadas nas propriedades cadastradas, permite a expectativa de incremento nas áreas plantadas pelos atuais produtores, desde que as tecnologias incorporadas ao atual sistema de produção ou alteração nas relações insumo/produto aumentem os retornos do investimento exigido.
- A atual conjuntura indica a possibilidade da existência de uma faixa de demanda insatisfeita nos mercados nacional e internacional do óleo de dendê. Existe ainda, a expectativa do aproveitamento deste óleo para fins energéticos se tornar economicamente viável, a partir da redução dos custos de produção obtida pelo desenvolvimento tecnológico ou, ainda, pelo agravamento da crise do petróleo. Em vista disto, é lícito prever-se que a produção de óleo de dendê poderá vir, no futuro, a ocupar uma posição importante dentro do contexto nacional do balanço de pagamentos, eliminando a dependência de importações e permitindo a captação de divisas pela comercialização dos excedentes produzidos. Assim, a política atual é de estímulo à cultura, efetivada principalmente a partir da criação da CNPSD da EMBRAPA, que visa dar suporte técnico necessário à dendei-

cultura no Brasil. Portanto, embora atualmente já existam outras na mesma região, merece destaque o fato de serem estas propriedades cadastradas as precursoras da exploração em pequena escala do dendzeiro, tanto no Pará quanto no Brasil. Muito do que se espera em termos da representatividade que a produção de óleo de dendê poderá vir a ter na economia do país, no futuro, pode estar associado ao desempenho atual destas plantações pioneiras.

REFERÊNCIAS

- CONDURÚ, J. M. et alii. **A eleicultura paraense**. Belém, Ministério da Agricultura, Delegacia Federal do Pará, 1983. 82p. (Informativo Técnico, 12).
- EMPRESA BRASILEIRA DE PESQUISA AGROPECUÁRIA. Centro Nacional de Pesquisa de Seringueira e Dendê, Manaus, AM. **Programa nacional de pesquisa de dendê**. Manaus, 1983. 16p.
- EMPRESA BRASILEIRA DE PESQUISA AGROPECUÁRIA. Centro Nacional de Pesquisa de Seringueira e Dendê, Manaus, AM. **Relatórios de viagem de diversos pesquisadores**. Manaus, 1984. (Mimeo.).
- EMPRESA BRASILEIRA DE PESQUISA AGROPECUÁRIA. Departamento de Diretrizes e Métodos de Planejamento, Brasília, DF. **Programa de avaliação sócio-econômica da pesquisa agropecuária do projeto II, EMBRAPA/BIRB: modelo de análise**. Brasília, 1982. 144 p. (Documentos, 2).